

CÍCERO NAS ORAÇÕES UNIVERSITÁRIAS DO RENASCIMENTO *

A prática de inaugurar o ano lectivo cora uma oração latina sobre as matérias professadas na Universidade é muito antiga. Entre nós, a mais remota oração que se conservou é a do conde de Alcoutim, D. Pedro de Meneses, pronunciada no Estudo Geral de Lisboa, em 18 de Outubro de 1504.

Aí, depois de se desculpar com a juventude dos seus anos, *in hac adolescentia*, que deve traduzir-se por «na minha adolescência», o conde de Alcoutim lembra que essas orações se realizavam anualmente na Universidade olisiponense onde tinham uma larga tradição: *tum quia non ignorabam abhinc pturimis annis fuisse in eo (studio) annuis orationibus uberrime oratum.*

A juventude do conde (tinha dezassete anos!) levou a que fosse posta em dúvida a sua participação, como orador, na abertura solene das aulas em 1504. O Rei D. Manuel II no catálogo da sua biblioteca propunha outro D. Pedro de Meneses, exactamente o avô do conde, seu homónimo, que foi o 1.º marquês de Vila Real. Mas este faleceu em 1499.

E o Professor Moreira de Sá que prefaciou uma edição da *oratio*, traduzida pelo Dr. Miguel de Meneses, propunha um outro D. Pedro que, ao tempo, estudava em Paris.

A fim de reforçar a sua posição, chega mesmo a omitir, no título do livro, a condição nobiliárquica do orador, fazendo imprimir na capa: *D. Pedro de Meneses — Oração proferida no Estudo Geral em Lisboa.* Mas a verdade é que a página de rosto desse discurso universitário reza assim: *Oratio habita a Petro Menesio comite Alcotini coram Emmanuele S. rege in scholis Vlyxbone*, ou seja *Oração pro-*

* Conferência lida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 24-5-1985.

ferida por Pedro de Meneses, conde de Alcoutim, na presença do Sereníssimo Rei D. Manuel, nas Escolas, em Lisboa.

O aparecimento da *oratio* no segundo livro das Epístolas e Orações de Cataldo (*Epistolaram et quarundam orationum secunda pars*) levou também à suspeita de que o seu verdadeiro autor seria o humanista e não o jovem conde. E aí há certamente um fundo de verdade: a correspondência de Cataldo, publicada nesse livro, e os seus versos, nomeadamente, um dos poemas da colecção das *Visiones*, ou *Visões*, não deixa dúvidas sobre a colaboração do humanista, não apenas na redacção, mas ainda no próprio ensaio de recitação do discurso.

Em todo o caso, é bom reparar que, aos 17 anos, o conde de Alcoutim¹ devia falar e escrever latim sem dificuldade, pois começara em criança os seus estudos da língua culta do tempo, e a *oratio* não era muito difícil de compor para quem possuía modelos anteriores, quer existentes em Portugal, quer trazidos pelo seu mestre italiano.

Demais, Cataldo, no livro primeiro das suas cartas e discursos *Epistolae et orationes quaedam Cataldi Siculi*, publicado em Lisboa, em 21 de Fevereiro de 1500, incluiu uma *oratio* semelhante, feita por ele próprio em Bolonha. É curioso notar que este livro abre com uma carta de Cataldo ao conde D. Pedro e fecha com uma carta do conde ao impressor Valentim Fernandes. D. Pedro tinha em 1500, treze anos de idade.

Mas voltando à *oratio* de 18 de Outubro, dia de São Lucas, do ano de 1504. Foi, graças a Cataldo, como atrás disse, que ela chegou até nós. E este é mais um serviço que ficámos devendo ao humanista italiano.

Depois desta oração de sapiência que alguma repercussão deve ter tido na Universidade de Lisboa, se não pela juventude e hierarquia do orador, ao menos pelas sugestões do seu mestre italiano, ficamos sem outros documentos do mesmo género até 1534, quando André de Resende pronuncia em 1 de Outubro a sua oração inaugural.

¹ Sobre D. Pedro de Meneses, 2.º conde de Alcoutim, e mais tarde 3.º marquês de Vila Real, bem como a respeito do seu mestre Cataldo, ver RAMALHO, A. Costa, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1969; e do mesmo autor. *Estudos sobre o Século XVI*, 2.ª edição aumentada, Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1983.

CÍCERO NAS ORAÇÕES UNIVERSITÁRIAS DO RENASCIMENTO

Também ele recorda: (...) *maiorum nostrorum instituto et omnium Academicarum recepta consuetudine, cum redeunt calendae Octobres et lucubrationibus tempus idoneum, adsumus intermissa paulisper litterarum studia feliciter auspicaturi* (...) «Por instituição de nossos maiores e por costume recebido de todas as Academias, quando voltam as calendas de Outubro e o tempo apropriado para a reflexão, aqui estamos a dar início com votos de felicidade aos estudos literários interrompidos por breve tempo».

O ano lectivo começava agora, em 1 de Outubro, dia de São Remígio, a «Saint-Rémy» da Sorbonne.

É interessante prestar atenção ao título deste discurso publicado pelo francês Germain Gaillard, em Lisboa, em Outubro de 1534: *L. Andreae Resendii Lusitani Oratio pro Rostris pronunciata in Olisiponensi Academia, Calendis Octobribus MDXXXIII*. O título de *Oratio pro Rostris* impressionou, com frequência, aqueles que a citam, com uma espécie de atracção mágica. Na realidade, *Oratio pro Rostris* significa simplesmente «oração pública».

Em todo o caso, este discurso do humanista André de Resende, *Lucius Andreas Resendus Lusitanus*, constitui, juntamente com o do conde de Alcoutim, o documento mais significativo do género, e a ele voltarei daqui a pouco.

André de Resende não era membro da Universidade de Lisboa, como não o era o jovem conde de Alcoutim. O terceiro orador de cujo discurso possuímos o texto, Jerónimo Cardoso, também não era professor da Universidade, embora ensinasse Latim no bairro das Escolas. A sua *oratio*, em 1536, foi a última pronunciada na capital, antes da transferência da Universidade para Coimbra. E também ela, como a de Resende, dois anos antes, se intitula *Oratio pro Rostris*, sendo o título completo *Oratio pro Rostris habita Calendis Octobribus Olisiponensi Academia, de laudibus omnium disciplinarum. Anno tricesimo sexto supra sesquimillesimum*. Só foi publicada mais tarde, em Coimbra, em 1550.

Esta oração e a de Resende foram ambas traduzidas para português pelo Dr. Miguel de Meneses. A de Resende, em 1964, com prefácio e notas do Prof. Moreira de Sá, a de Jerónimo Cardoso, em 1965, com prefácio do Doutor Justino Mendes de Almeida².

² Publicadas pelo «Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa», pertencente ao Instituto de Alta Cultura.

A próxima oração deste género só há pouco foi publicada, em reprodução fotográfica do manuscrito em que se encontra, pelo Prof. Jorge Alves Osório³. Pertence à fase conimbrincense dos estudos superiores em Portugal e compô-la o sevilhano Mestre Juan Fernándcz, o mesmo de quem o Doutor Jorge Osório publicara em Coimbra, em 1967, a *Oração sobre a Fama da Universidade (1548)*⁴. Ela, a de 1538, dirige-se sobretudo ao cultivo das Humanidades num meio religioso como o Mosteiro de Santa Cruz, mas não deixa de ser uma oração académica.

Entretanto, do ano de 1538 ao de 1548, durante uma década, portanto, houve provavelmente orações universitárias, mas não chegaram até nós, ou encontram-se ainda em manuscritos não assinalados.

Em 1548, a 21 de Fevereiro, é inaugurado o Colégio das Artes que abre com um brilhante corpo docente em que se distinguem os portugueses André de Gouveia, o principal ou director da nova escola, Diogo de Teive e João da Costa. Dos estrangeiros, o escocês George Buchanan, já então famoso poeta latino, e os franceses Nicolau Grouchy, Elias Vinet e Guilherme Guérente.

A oração inaugural foi pronunciada pelo francês Arnold Fabrice⁵: um belo discurso em estilo ciceroniano que ficou a dar a nota dominante para os discursos desse ano. E houve mais dois em 1548, que chegaram até nós: o de Juan Fernández, que já mencionámos, em 17 de Julho; e em 1 de Outubro seguinte, o do portuense Belchior Beleago, na abertura solene das aulas na Universidade. Este último foi publicado em 1959 pelo Centro de Estudos Humanísticos do Porto, com tradução e notas da Doutora Maria Helena da Rocha Pereira,

A partir de 1548, com a abertura do Colégio das Artes, vêm juntar-se os discursos da nova instituição que funcionava, quer como escola preparatória para as Faculdades nos primeiros anos, quer

³ É mais uma *Oratio pro rostris* que vem no fim do artigo de OSÓRIO, Jorge Alves, *Autour d'un discours humaniste d'un éditeur coimbrois des Colloques d'Erasmus*, «Arquivos do Centro Cultural Português», Paris, Fundação Calouste Gulbenkian XI, 1977, 41-106 (o discurso, de p. 89 em diante).

⁴ Editada pelo Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O nome do orador foi aporuguesado para M.^o João Fernandes, com o subtítulo de «Rhetor Conimbricensis».

⁵ Traduzida e comentada na tese de licenciatura, policopiada, de PACHECO, Maria José de Freitas Sousa, *A oração inaugural do Colégio das Artes de Arnaldo Fabrício*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1959.

como uma espécie de Faculdade de Filosofia e Letras na parte terminal dos cursos que ministrava.

Recordarei aqui algumas dessas orações académicas: a de Pedro Fernandes ⁶, na Universidade, em 1550; a de Hilário Moreira ⁷, em 1522, também na Universidade; a de António Pinto ⁸, em 1555, igualmente na Universidade. Nesse mesmo dia 1 de Outubro, era o Colégio das Artes entregue aos Jesuítas e aí a oração inaugural pertencia ao valenciano Pedro Juan Perpiñan ⁹.

As orações do Colégio das Artes, anteriores à entrega da escola à Companhia de Jesus, as únicas estudadas, são principalmente panegíricos de D. João III, como o de Inácio de Moraes, em 8 de Novembro de 1550 ¹⁰, e o de André de Resende, em 28 de Junho de 1551. Este último foi traduzido e comentado por Gabriel de Paiva Domingues, num livro cuja segunda edição, bastante melhorada, saiu em 1982 ¹¹.

As orações de sapiência não diferem muito entre si, no que respeita aos assuntos tratados ¹². Em 1504, D. Pedro de Meneses ocupa-se sucessivamente de Teologia, Filosofia, Direito Civil e Direito Pontifício, Medicina, Retórica e Oratória, Poética, Dialéctica, Astronomia, Música, Matemática e Gramática. Trinta anos mais tarde, André de Resende segue a ordem inversa, pelo que respeita à pri-

⁶ Tese de licenciatura de ALVEDOS, Maria Manuela Pereira Pinto, *Oração de Pedro Fernandes em louvor de todas as artes e ciências*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1965.

⁷ Tese de licenciatura de MATOS, Albino de Almeida, *A oração de sapiência de Hilário Moreira*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1962.

⁸ Tese de licenciatura de NOBRE, Francisco José Avelar, *A oração laudatória de todas as Ciências e das Belas-Artes de António Pinto*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1962.

⁹ Notícia em *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, 14, 1814.

¹⁰ Incluído na tese de licenciatura de CAMPOS, Albino Pedrosa, *Um Luminar na Universidade de Coimbra no Século XVI: a obra desconhecida de Inácio de Moraes*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1960, pp. 1-58.

¹¹ *A Oração de André de Resende pronunciada no Colégio das Artes em 1551*. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1982 (Colecção *Acta Rediuiua* III).

¹² Na sua tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1980, intitulada *A Oração de Catalão em Bolonha: sua permanência na oratória do século XVI*, Luís Carlos Stamato Marcellino de Carvalho, na p. 149, apresenta um elenco das ciências mencionadas nas orações de Cataldo, Conde Alcoutim, André de Resende (1534), Arnaldo Fabrício, Belchior Beliago e Hilário Moreira.

meira e à última das disciplinas tratadas. O Conde de Alcoutim começara pela Teologia e acabara na Gramática; Resende começa pela Gramática e termina com a Teologia. Outras matérias abordadas por Resende são a Dialética, a Retórica, a Filosofia Natural e a Filosofia Moral, a Medicina e o Direito. Notar-se-á que no conjunto são menos disciplinas que as do Conde, mas Retórica, Oratória, Poética e Dialética, quatro cadeiras, estão incluídas todas na Dialética e Retórica do humanista eborense; a Matemática e a Astronomia ficam genericamente compreendidas na Filosofia Natural. Mas não há qualquer referência à Música. Em compensação, Resende faz um vivo apelo ao cultivo do Grego que se não encontra na oração de 1504.

Também há no discurso de Mestre Resende uma vivacidade acrimoniosa que não se verifica em nenhum dos restantes. É que o humanista sentiu (e não se coíbe de dizê-lo) que a Universidade de Lisboa não atravessava um período brilhante. As suas glórias que Resende, aliás, sublinha, eram glórias do passado.

Três anos mais tarde, a Universidade era remodelada e transferida para Coimbra.

Elaborado assim um conspecto do material de que dispomos, sobretudo já publicado, ocupemo-nos agora da presença de Cícero nestes discursos.

Em primeiro lugar, não esqueçamos que as orações se apresentam como documentos literários em latim, escritos, pois, no idioma da Roma antiga, que era no século XVI, simultaneamente, a língua da Europa cultivada. Com a preocupação dos homens do Renascimento em rivalizar com a Antiguidade Greco-Latina, com a emulação viva que os levava a escolher por paradigmas as grandes figuras do mundo clássico e a tentar superá-las, quem haviam de eleger para modelo do estilo oratório? Naturalmente, o maior orador de todos os tempos da língua latina, Marco Túlio Cícero, nascido em Arpino (donde, ser chamado Arpinate), em 106 a.C. e assassinado, perto de Gaeta, em 43.

Para mais, Cícero deixara o modelo para estes discursos na *Defesa do Poeta Arquias*, *Oratio pro Archia poeta*, que pronunciou em Roma, em 62 antes de Cristo.

Todos conhecem as circunstâncias em que o *Pro Archia* foi pronunciado. Mas não será inoportuno resumi-las aqui.

Árquias, um poeta grego que vivia em Roma, foi acusado de não ser cidadão romano e, segundo a legislação vigente, devia abandonar a cidade. Era preciso provar que Árquias estivera inscrito

numa daquelas cidades gregas que tinham reciprocidade de cidadania com Roma. Cícero declara-o inscrito outrora em Heracleia, cidade aliada de Roma e uma das privilegiadas com a referida reciprocidade de direitos. Simplesmente, os arquivos de Heracleia tinham ardido, o que deixa supor que Heracleia fora escolhido por isso mesmo, e que talvez o distraído poeta nunca tivesse estado inscrito nem lá nem noutra lugar qualquer.

Mas a questão jurídica fora possivelmente elucidada por outros oradores que falaram antes de Cícero, e também não tinha grande importância, tanto mais que o juiz que presidia ao julgamento era Quinto, o próprio irmão de Cícero. O orador prefere, por isso, fazer num outro terreno a defesa do poeta grego que, muitos anos antes, fora seu mestre.

Qual o valor para Roma da presença na cidade de um poeta épico como Aulo Licínio Árquias? Que é que faz a glória da Hélade, o prestígio cultural da Grécia no mundo civilizado? Não são os seus historiadores, os seus artistas, os seus oradores, os seus poetas? Não deve Roma seguir o exemplo da Grécia?

No Renascimento, estas mesmas perguntas são repetidas em todos os países da Europa, e em Portugal, onde soprava uma aura de epopeia¹³, mais do que em qualquer outro.

Portanto, se Árquias já tinha cantado em versos gregos os homens notáveis das grandes famílias romanas que o protegiam, como aquele Luculo que derrotara Mitridates, inimigo do nome romano, como Gaio Mário, conterrâneo de Cícero, a cujos feitos militares Árquias dedicara na adolescência, apenas chegado a Roma, um poema¹⁴, não devia a cidade conceder-lhe a naturalização? O Arpinate não se esquece de que Árquias prometera também exaltar em verso o seu consulado¹⁵.

¹³ Cf. RAMALHO, Américo da Costa, *Estudos Camonianos*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 2.ª ed., 1980, p. 7 e segs. Deve notar-se que, por falta da tipografia, foi repetida uma linha nesta página, devendo nas linhas 21-22 ler-se: «do século XV. Com efeito, entre 1495, data da subida ao trono / do rei D. Manuel, e 1499, ano em que faleceu o camareiro-mor».

¹⁴ Cícero também escreveu, não se sabe exactamente quando, mas provavelmente na juventude, um *Marius* de que só restam alguns versos.

¹⁵ (...) *qui etiam his recentibus nostris uestrisque domesticis periculis aeternum se testimonium laudis daturum esse profitetur* (...). *Pro Archia* XII, 31.

E Cícero desenvolve o elogio das letras em amplos períodos oratórios, em frases ritmadas nos momentos de realce e nos finais de cada período, as chamadas cláusulas métricas. O êxito foi completo. Este discurso, uma pequena jóia literária, tornou-se o modelo das orações latinas do Renascimento, sobretudo das pronunciadas nas Universidades para louvar as disciplinas aí ensinadas e os seus autores mais distintos. E os oradores, escolhidos entre os melhores latinistas, imitam não apenas o esquema geral do *Pro Archia*, o desenvolvimento das ideias e dos argumentos, mas o próprio latim ciceroniano: palavras, construções, giros frásicos e ritmo.

E o conteúdo ideológico, a definição das disciplinas, o elogio dos méritos de cada uma, a reflexão filosófica sobre o seu contributo para o aperfeiçoamento do homem, tudo isso, ou grande parte disso, vem de Cícero.

Os tratados ciceronianos estão continuamente presentes: as *Discussões em Túsculo* (*Tusculanae Disputationes*), o tratado *Dos Deveres* (*De Officiis*), a discussão *Sobre o Sumo Bem e o Sumo Mal* (*De Finibus Bonorum et Malorum*), o tratado *Das Leis* (*De Legibus*), o diálogo *Sobre a Natureza dos Deuses* (*De Natura Deorum*), o *Do Estado* (*De Republica*), as *Questões Académicas* (*Academicæ Quaestiones*), o tratado *Da Adivinhação* (*De Divinatione*), o *Da Amizade* (*De Amicitia*), o *Da Velhice* (*De Senectute*).

No que diz respeito à eloquência e ao seu estudo teórico, à sua história na Grécia e em Roma, o *De Inventione*, o *Orator*, o *De Oratore*, o *Brutus siue De claris Oratoribus*. E ainda as cartas e os discursos.

Já tive ocasião de dizer mais do que uma vez, e de provar, que todo o conhecimento que Camões revela sobre Platão podia ter sido adquirido na leitura de Cícero, nomeadamente das *Tusculanae Disputationes* que no século XVI eram um livro de leitura obrigatória nas escolas pré-universitárias de toda a Europa¹⁶. E os discursos dos humanistas reflectem incessantemente essa leitura: muitas vezes, o pensamento ciceroniano aparece assimilado na exposição dos oradores universitários, por forma tal que só o vocabulário e o ritmo permitem suspeitar que o Arpinate se encontra presente textualmente, embora não seja citado.

¹⁶ Cr. RAMALHO, A. Costa, *Camões e o Humanismo Renascentista*, in «Actas de IV Reunião Internacional de Camonistas», Ponta Delgada, 1984, p. 498 e segs.

Assim, por exemplo, mas aqui mencionado, uma das mais importantes dessas orações, a de André de Resende, em 1534, abre com estas palavras: «Escreve Cícero no segundo livro dos *Retóricos* que Zêuxis de Heracleia, no seu tempo o melhor dos pintores, fora contratado pelos cidadãos de Crotona, por um alto salário, para lhes decorar com belas pinturas o templo de Juno, por quem tinham a maior devoção»¹⁷.

André de Resende adapta o começo do 2º livro do tratado *De Inuentione* a um fim diferente daquele que Cícero se propusera tratar. No Arpinate, a história prossegue com a informação de que uma das figuras a pintar era a de Helena, para a qual o pintor pediu aos Crotoniatas que lhe mostrassem as mais belas raparigas da cidade, das quais ele escolheu cinco: copiando o que de melhor havia em cada uma, ele compôs um retrato ideal da formosíssima grega.

Em Resende, o *exemplar ciceroniano* serve para lembrar que os cidadãos de Lisboa escolheram um cidadão de Évora, levados pela sua erudição (que ele modestamente atenua) para lhes pintar o templo de Palas olisiponense, se não aquele que Ulisses, fundador da cidade, havia levantado, o outro, a Universidade, que «o divino Henrique, filho do divino João, pio, feliz e invicto»¹⁸, havia construído.

Este exórdio sob o signo de Cícero é seguido de repetidas citações do escritor romano na caracterização das diferentes disciplinas.

Em Resende, o que pertence ao Arpinate é usado como sugestão, com independência. Quando Cícero é utilizado literalmente, o humanista menciona expressamente a citação. Mas em outros oradores menos hábeis, o texto ciceroniano é incorporado, por vezes, sem alusão sequer à fonte, no próprio discurso humanístico.

Note-se ainda, que nesta oração de Resende, certamente uma das mais belas, feitas por um português no século XVI, a menção de Ulisses logo no começo, se destina a proporcionar ao discurso uma espécie de movimento circular. Com efeito, André de Resende vai terminar a sua *oratio* com a discussão da origem lendária de Lisboa, em torno do seu mítico fundador Ulisses e daquilo que sobre esta fundação disseram Lourenço Valia e Baptista Mantuano, dois humanistas de Itália.

¹⁷ *Zeuxin Heracleotem qui id aetatis pictoribus ceteris longe antistabat, a Crotoniatis magno conductum pretio, scribit Cicero, Rhetoricorum secundo, ut illis templum Iunoni reginae sacrum, quod summa colebant religione, tabulis egregie pictis locupletarei* (fol. a ij).

¹⁸ *Diu illius Ioannis pii, felicis, inuicti filius, Diuus Henricus* (fol. a ij).

A oração que Jerónimo Cardoso pronunciou dois anos mais tarde, em 1536, mas que — como já atrás disse — só veio a ser publicada em 1550, é nitidamente inferior à de André de Resende: nada crítica, tímida até, talvez porque o autor, proveniente de uma família judaica perseguida, não estivesse tão à vontade como o humanista eborense, e talvez também porque não se apresenta como reformador.

O exórdio é menos hábil do que o de Resende. Jerónimo Cardoso, depois de saudar o Reitor, os professores e toda a assembleia, formula o voto de que a audiência lhe conceda uma atenção igual àquela com que outrora os Ródios ouviram o famoso orador Esquines «quando ele, perante a admiração geral, pronunciou o discurso de Demóstenes em defesa de Ctesifonte». (... *cum Demosthenis orationem pro Ctesiphonte cunctis admirantibus pronuntiaret*).

Não se encontra aqui menção de Cícero, mas a reminiscência vem provavelmente do *De Ótimo Genere Oratorum* ciceroniano, um prefácio que o Arpinate escreveu para a tradução latina dos discursos dos dois famosos oradores atenienses. Esquines vencido pelo seu rival, que pronunciou a famosa *Oração da Coroa* em defesa de Ctesifonte, teve de exilar-se para Rodes e aí, depois de ler o seu próprio discurso, recebido com grande admiração, acabou pronunciando, com aplauso ainda maior, o do próprio Demóstenes que fora origem da sua condenação e exílio.

Entre os tópicos de interesse nestas orações do Renascimento, contam-se as amplificações sobre o mérito das disciplinas fundamentais como a Filosofia. Um dos trechos mais conhecidos vinha do livro V das *Tusculanas*. Cícero recorda como toda a sua vida estudou Filosofia; «para cujo seio fui impelido por vontade e escolha próprias, desde a juventude, e nela voltei a refugiar-me, como num porto de onde saíra, quando o grande temporal das infelicidades me perseguiu». (...*cuius in sinum cum a primis temporibus aetatis nostra uoluntas studiumque nos compulisset, his grauissimis casibus in eundem portum, ex quo eramos egressi, magna iactati tempestate confugimus*).

E continua: *O uitae philosophia dux, o uirtutis indagatrix expultrixque uitiorum! quid non modo nos, sed omnino uita hominum sine te esse potuisset? Tu urbes peperisti, tu dissipatos homines in societatem conuocasti, tu eos inter se primo domiciliis, deinde coniugiis, tum litterarum et uocum communione iunxisti, tu inuentrix legum, tu magistra morum et disciplinae fuisti, ad te confugimus, a te opem petimus, tibi nos, ut antea magna ex parte, sic nunc penitus totosque*

tradimus. Est autem unus dies bene et ex praeceptis tuis actus peccanti immortalitati anteponeendus. Cuius igitur potius opibus utamur quam tuis, quae et uitae tranquillitatem largita nobis es et terrorem mortis sustulisti? (Tusc. Disp. V,2,5).

Em versão portuguesa: «Filosofia, ó guia da vida, ó pesquisadora da virtude e rechaçadora dos vícios! Sem ti, o que teria sido não apenas da minha vida, mas da vida de todos os homens? Tu deste à luz as cidades, tu chamaste à vida social os homens que andavam dispersos, tu juntaste-os primeiro pela residência em comum, depois pelo casamento, a seguir pela comunhão das letras e da língua! Tu foste a inventora das leis, a mestra dos costumes e da sua disciplina! Em ti nos refugiamos, a ti pedimos auxílio, a ti, se antes confiávamos grande parte de nós, agora nos confiamos profundamente e por inteiro! Um só dia bem vivido, segundo os teus preceitos, é preferível à imortalidade no erro! A quem recorrer, senão a ti, que nos concedeste a tranquilidade da vida e anulaste o terror da morte?»

A propósito desta última interrogação, é preciso lembrar que o livro I das *Tusculanas* de Cícero versa o tema de «desprezo da Morte».

O trecho que acabei de traduzir aparece citado no todo ou em parte, em várias orações de sapiência, a começar pela de Cataldo Sículo, *Oratio habita Bononiae publice a Cataldo in omnium scientiarum et in ipsius Bononiae laudes*, sobre a qual fez a sua tese de doutoramento o meu aluno da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Luís Carlos Stammato Marcellino de Carvalho¹⁹.

A oração foi pronunciada em Bolonha anteriormente à vinda de Cataldo para Portugal que se verificou em 1485 ou ainda antes. Veio a ser publicada em 1500, em Lisboa, no 1.º volume das *Epístolas* do humanista italiano. A *oratio* de Cataldo, se já não era conhecida antes, foi divulgada, pelo menos, a partir de 1500. Como quer que seja, o passo das *Tusculanas* devia ser corrente em orações deste tipo, pois vamos encontrá-lo parafraseado em 1548 na *oratio* de Arnaldo Fabrício, copiado do original ciceroniano em 1550 por Belchior Beliago, e resumido por Hilário Moreira, em 1552.

Por outro lado, o papel civilizador atribuído nas *Tusculanas* à Filosofia é noutras obras de Cícero conferido à Eloquência, por exemplo em *De Inventione* 1,2, ou ao Direito, como no *De Legibus* 1,5, passos que inspiram diferentes lugares das orações dos humanistas.

¹⁹ Já referida na nota 12.

Uma noção corrente é a de que nenhum homem pode ser bem educado sem conhecer a Música que é frequentemente associada à Matemática. E aparece repetido o exemplo ciceroniano de Temístocles que, «por ter recusado tocar a lira nos banquetes, foi considerado menos culto»: *Temistoclesque aliquot ante annis, cum in epulis recusareti lyram, est habitus indoctor. (Tusculanae Disputationes I, ii, 4).*

O passo é retomado por Cataldo na *Oração de Bolonha*, nos anos oitenta do século XV: *nam et Themistocles cum se lyrae imperitum fateretur, ut testis est Cicero, habitus est indoctor*; pelo conde de Alcoutim, embora num contexto diferente, em 1504; por Jerónimo Cardoso, trinta anos depois; por Arnaldo Fabício, em 1548; por Belchior Beliago, no mesmo ano, uns meses mais tarde; por Pedro Fernandes, em 1550; em 1555, por António Pinto que dedica à Música um desenvolvimento mais longo do que qualquer dos restantes.

A História aparece individualizada em Pedro Fernandes, em 1552, e em António Pinto, em 1555, mas em ambos como parte da Gramática que, nos humanistas, é uma disciplina de Cultura, com larga amplitude.

Em Pedro Fernandes: *Sed iam nec his Grammatica contenta Historiam omnem perquirat: quam M. Tullius temporum testem, ueritatis lucem, uitam memoriae, magistram uitae et nuntiam uetustatis appellauit.*

«Mas não se contentando com estas disciplinas, a Gramática investiga toda a História que Marco Túlio chamou testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida e mensageira da antiguidade».

E António Pinto: *Historia (ut Ciceronis uerba commutem) temporum testimonium praestat, ueritatem illustrat, memoriam confirmat, uitam instruit, uetustatem nuntiat.*

«A História, para adaptar as palavras de Cícero, dá testemunho dos tempos, ilustra a verdade, reforça a memória, ensina a vida, é mensageira da antiguidade!

Ambos se inspiram em Cícero, *De Oratore* II, 9, 36.

No *Pro Archia* ciceroniano, não se encontra uma discriminação das disciplinas curriculares, mas toda a cultura humana fica abrangida no cultivo das letras que «alimentam a juventude, recreiam a velhice; são o ornamento da ventura, o refúgio e consolo da desventura; deleitam-nos em casa e não nos embaraçam fora dela; pernoitam connosco, seguem-nos em viagem, acompanham-nos no campos», como

na oração de sapiência de 18 de Outubro de 1943, traduziu o Professor Rebelo Gonçalves ²⁰ ao discursar na Universidade de Coimbra.

Rebelo Gonçalves citara na ocasião Arnaldo Fabrício e Hilário Moreira, os dois humanistas que conhecia da edição feita por Luís de Matos ", em 1937. Ambos tinham, de facto, aproveitado *A Defesa de Árcias*, VII Mas o passo devia ser conhecidíssimo de orações anteriores, em Portugal, porque todos parecem evitá-lo, à excepção, naturalmente, de Hilário Moreira, talvez o menos original dos oradores *De Sapientia*.

Já uma outra passagem do *Pro Archia* não suscita estas reservas, mas é repetida à saciedade. Eis a citação completa de Cícero: *Quam multos scriptores rerum suarum magnus ille Alexander secum habuisse dicitur! Atque is tamen, cum in Sigeo ad Achillis tumulum adstitisset, 'o fortunate, inquit, adulescens, qui tuae uirtutis Homerum praeconem inueneris!' Et uere; nam nisi Iliias illa extitisset, idem tumulus, qui corpus eius contexerat, nomen etiam obruisset. (Pro Archia, 24).*

Ou em português: «Quantos cronistas de suas acções é fama que o célebre Alexandre Magno tinha na sua companhia! E não obstante, frente ao túmulo de Aquiles, no promontório Sigeu ele exclamou: 'ó afortunado jovem, porque encontraste em Homero um arauto do teu valor!' E com razão; com efeito, se não existisse a famosa Ilíada, o mesmo túmulo que encerrava o corpo de Aquiles teria arruinado também a sua fama!»

O *topos* encontra-se nos discursos de Cataldo em Bolonha e do conde de Alcoutim em Lisboa e, seguidamente, em todos os outros. Aparece vezes sem conto, mesmo nos escritores em vernáculo, de Zurara a Fernão Lopes de Castanheda e a Camões que no canto V de *Os Lusíadas* escreveu:

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Aquiles, Alexandre, na peleja,
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos: isso só louva, isso deseja.

(V, 93, 1-4)

²⁰ *As humanidades clássicas e a Universidade de Coimbra*, «Humanitas» I, Coimbra, 1947, p. XIII.

²¹ *Quatro Orações Latinas proferidas na Universidade e Colégio das Artes (Século XVI)*. Por ordem da Universidade de Coimbra, 1937.

E, como todos sabem, terminou o poema, dirigindo-se a D. Sebastião, para quem se propõe ser um novo Homero:

A minha já estimada e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vós cante
De sorte que Alexandre em vós se veja
Sem à dita de Aquiles ter enveja.

O paradigma de Alexandre como espelho de reis implicava no século XVI, não apenas o incitamento a grandes feitos militares^M, mas igualmente creio eu, à educação sob a direcção de um filósofo e à protecção das letras e dos letrados. Era do conhecimento geral que o rei da Macedónia fora educado por Aristóteles, filho de Nicómaco, o médico de Filipe, seu pai. E também que Alexandre colocara a sua protecção e as suas riquezas ao serviço do grande filósofo.

O ideal dos humanistas era, na verdade, a formação intelectual e espiritual dos homens, sobretudo daqueles que estavam destinados a assumir o primado da vida social e política dos povos, não apenas os monarcas, mas igualmente os mais capazes dos seus súbditos.

Essa formação do espírito, intelectual e moral ao mesmo tempo, cabia no âmbito de uma palavra-chave nem sempre fácil de traduzir nos textos do século XVI: *humanitas*.

Quem está familiarizado com a semântica do vocabulário latino, sabe que em latim se parte sempre do conceito mais simples e imediato, pertencente à vida quotidiana e corrente, para o mais elevado e difícil, relativo à vida intelectual. Assim, o sentido primeiro de *humanitas* é o de «aquilo que é próprio do homem, que há de melhor no homem, por oposição aos outros animais», a saber, «os sentimentos de compreensão, simpatia, sociabilidade, entre-ajuda, etc». Mais tarde, o âmbito semântico da palavra foi alargado para incluir a cultura, a formação intelectual e espiritual que pertenciam ao domínio da *paideia* grega. Na comunhão dos dois sentidos, o efectivo e o intelectual, a palavra que se crê ter adquirido o segundo signi-

²² Cf. DIAS, Augusto Epifânio da Silva, *Os Lusíadas de Luís de Camões*, 3.^a edição, Rio de Janeiro, 1972, p. 302: «Camões, ao fechar a sua epopeia, entra de novo no coro geral que incitava imprudentemente o monarca a ir guerrear os Muçulmanos de Marrocos».

ficado, sob a influência de Panécio, no círculo dos Cipiões²³, ganha posteriormente larga circulação na prosa ciceroniana.

Mas é um erro pensar que *humanitas* não tem em latim o significado de «humanidade, simpatia e compreensão humana», como há quem julgue, interpretando mal um passo de Aulo Gélcio em *Noites Áticas* XIII, 17²⁴,

Ângelo Policiano, o grande humanista florentino, que conhecia melhor o grego e o latim que qualquer aprendiz de classicista nosso contemporâneo, numa das suas cartas escrevia: (...) *Humanitatem cum dico, non magis φιλανθρωπίαν quam etiam παιδείαν intellego: utrumque enim Latine quiãem scientibus significai.* (Carta a Lucius Signinus, livro III, p. 74 da edição de Lovaina, 1546). Ou seja: «...Quando digo *humanitas*, não entendo *φιλανθρωπία* mais do que *παιδεία*, porque para quem sabe latim a palavra significa ambas*».

E Mestre Juan Fernández naquela *oratio* de 1538, corrigindo subtilmente o passo de Aulo Gélcio, há pouco mencionado, escreveu. (...) *seio ueteres scriptores humanum pro docto usurpasse; scio huius rei praeclarissimum apud Gellium extare testimonium, cuius uerba non pigebit in medium afferre: qui uerba Latine fecerunt (inquit) quique iis probe usi sunt, humanitatem non id solum esse uoluerunt quod uulgus existimat, quodque Graecis φιλανθρωπία dicitur et significai dexteritatem quandam beneuolentiamque erga omnes homines promiscuam, sed humanitatem appellauerunt id propemodum quam Graeci παιδείαν uocant, nos eruditionem institutionemque in bonis artibus dicimus, quas qui sinceriter cupiunt adpetuntque ii sunt uel maxime humanissimi. Huius enim scientiae cura et disciplina ex uniuersis animantibus uni homini data est idcircoque humanitas appellata est*²⁵.

²³ BAINTON, Roland H., *Erasmus of Christendom*, Fontana Library, Collins, Glasgow, 2.º ed, 1977, p. 59.

²⁴ *Qui uerba Latina fecerunt quique his probe usi sunt humanitatem non id esse uoluerunt quod uulgus existimat quodque a Graecis φιλανθρωπία dicitur et significai dexteritatem quandam beniuolentiamque erga omnes promiscam; sed humanitatem appellauerunt id propemodum quo Graeci παιδείαν uocant, nos eruditionem institutionemque in bonas artes dicimus. Quas qui sinceriter percipiunt adpetuntque, hi sunt uel maxime humanissimi. Huius enim scientiae cura et disciplina ex uniuersis animantibus uni homini data est idcircoque humanitas appellata est.*

Sic igitur eo uerbo ueteres esse usos et cumprimis M. Varronem Marcumque Tullium omnes ferme libri declarant.

²⁵ Cf. o artigo citado na nota 3, p. 97.

Em versão portuguesa: «Eu sei que os antigos escritores empregaram *humanum* no sentido de *doctum*; também sei que deste emprego existe em Gélío um testemunho luminoso, cujas palavras não me custa apresentar: 'os que criaram o vocabulário latino' — diz ele — 'e os que o usaram correctamente, quiseram que *humanitas* fosse não apenas (*non id solum*) aquilo que o vulgo pensa e que em grego se diz *φιλανθρωπία* e significa uma certa disponibilidade e uma boa vontade indiscriminada para com todos os homens, mas designaram também por *humanitas* mais ou menos aquilo a que os gregos chamam *παιδεία* e nós chamamos erudição e educação nas belas letras. Os que procuram aprendê-las com afinco, esses são mais que ninguém humaníssimos (*humanissimi*), porque o estudo e aprendizado desta ciência só ao homem, de entre todos os animais, foi concedido, e daí chamar-se ela *humanitas*».

Esta *φιλανθρωπία*, como explica Ronald Bainton, ao falar da *humanitas* erasmiana, no seu *Erasmus of Christendom*, «não era filantropia no sentido actual, mas o amor da humanidade. No seu fundamento, estava a visão da dignidade do homem, porque apenas ele, de todos os seres sensíveis, é dotado de razão e de fala que não só comunica mas também dá forma às ideias no processo de atribuir nomes»²⁶.

Voltando, porém, ao passo de Aulo Gélío. Este escritor do segundo século da nossa era, no seu livro *Noites Áticas*, ao discutir o sentido de *humanitas*, tem em vista contrariar o uso popular do seu tempo que empregava *humanitas* com o significado de «facilidade de trato, benevolência», e realçar o sentido menos usual no 2.º século, de «educação e cultura».

Ao insistir na sua maneira de ver, exagera, afirmando, por exemplo, que o significado de «cultura» é o que se encontra em quase todas as publicações de Cícero. Hoje, que possuímos vocabulários do uso ciceroniano, é fácil provar o exagero. Mas nem sequer faz falta um dicionário especializado²⁷.

²⁶ Cf. obra citada na nota 23, p. 60. Sobre o significado de *humanitas* em alguns textos de humanistas portugueses, ver RAMALHO, Américo da Costa, *Latim Renascentista em Portugal (antologia)*, Lisboa, I.N.I.C., 1985, pp. 156-157, 158-159, 170-171.

²⁷ Como, por exemplo, MERGUET, H., *Lexikon zu den Philosophischen Schriften Cicero's*, Georg Olms Verlagsbuchhandlung, Hildesheim, 1961; e MERGUET, H., *Lexikon zu den Reden des Cicero*, *ibidem*, 1962.

Recorrendo ao livro *Cícero*, publicado pela editorial Verbo, e em que colaboraram, entre outros, o Dr. Carlos Alberto Louro Fonseca, a Dr.^a Ana Paula Quintela Sottomaior e eu próprio, darei um exemplo do *Pro Archia* traduzido pelo primeiro, e do *Pro Murena* traduzido pela Dr.^a Ana Paula.

No *Pro Archia*, que é uma espécie de προτρεπτικόν, como diziam os gregos, ou de «exortação» aos estudos literários e ao amor da cultura, *humanitas* tem, por isso mesmo, um sentido predominantemente cultural. Mas quase no fim do discurso, Cícero pede aos seus concidadãos o respeito do poeta Árquias: (...) *sic in uestram accipiatis fidem, ut humanitate uestra leuatus potius quam acerbitate uiolatus esse uideatur*.

Tradução de Louro Fonseca: «...peço-vos que o tomeis sob a vossa protecção, por forma que ele seja confortado pela vossa bondade, e não ultrajado pelo vosso rigor». Aqui, o sentido de «bondade» para *humanitas* é determinado pelo contraste com *acerbitas* «rigor, má vontade».

No *Pro Murena*, que é um discurso pouco anterior ao *Pro Archia*, Cícero contrastando a sua conduta severa nas acusações a Catilina, com a actual, na defesa de Murena, disse: *Quod si tum, cum res publica uim et seueritatem desiderabat, uici naturam, et tam uehemens fui, quam cogebam, non quam uolebam, nunc, cum omnes me causae ad misericordiam atque humanitatem uocent..., etc.*

A Dr.^a Ana Paula traduziu: «Ora, se nesse momento em que o Estado reclamava vigor e severidade, venci a minha índole e fui tão violento quanto me obrigaram a sê-lo, e não quanto queria, agora, visto que todas as razões me incitam à compaixão e à benevolência...». Também aqui o contraste *uim et seueritatem*, «vigor e severidade», determina o sentido oposto de *misericiordiam atque humanitatem*, «compaixão e benevolência».

Aliás, o próprio Juan Fernández alterou o que havia de exagerado em Aulo Gélío, ao acrescentar à citação do escritor latino o advérbio *solum*, de tal maneira que onde Gélío escreve «não é isto», Fernández interpreta «não é isto só, mas...».

Voltemos, porem, às orações universitárias dos humanistas. Terminam frequentemente com uma exortação ao estudo, dirigida aos alunos presentes. Assim, Arnaldo Fabrício em 1548, acabava: *Et in tanta praeceptorum copia, loci opportunitate, aetatis flore, rerum omnium, quae studia uestra iuuare et prouehere possunt, commoditate,*

danda diligens opera ne cum omnia affuerint, ipsi uobis tantum defuisse uideamini...

Ou em português: «E sendo tão grande a abundância de preceitos²⁸, a oportunidade do lugar, na flor da idade, com a vantagem de todas as coisas que podem ajudar os vossos estudos e fazê-los progredir, deveis dar o melhor do vosso esforço, não vá parecer que, quando todas as condições estão presentes, só vós próprios faltais».

Também a seu filho Marcos, que estudava em Atenas com os melhores mestres, Cícero escreveu, ao terminar a dedicatória do livro III do *De Officiis*: «Por isso, com todo o empenho intelectual de que és capaz, com quanto trabalho podes (se é que aprender dá mais trabalho do que gosto), tanto te esforça, não vá parecer que, quando eu te facilito todas as condições, a ti próprio só tu faltas».

No original latino: *Quare, quantum coniti animo potes, quantum labore contendere, si discendi labor est potius quam uoluptas, tantum fac ut efficias neue committas ut, cum omnia suppeditata sini a nobis tute tibi defuisse uideare*²⁹.

Se compararmos os finais dos dois períodos, encontramos:

... *tute tibi defuissē uīdēārē*. Cícero: péon 1.º — espondeu.

... *ipsi uobis tantum defuissē uīdēāmñī*. A. Fabrício: péon 1.º
- crético.

Às orações universitárias dos humanistas, por vezes, nem sequer faltou o ritmo do período ciceroniano.

Américo da Costa Ramalho

²⁸ Interpretei *praeceptorum* como genitivo do plural de *praeceptum*, *i* e não de *praeceptor*, *is*.

²⁹ CÍCERO, *De Officiis* III, ii, 6.